

II

Os Ex-Revolucionários e os Novos Revolucionários

A PRIMEIRA QUESTÃO, PORTANTO, É PORQUE A CLASSE operária deixou de ser revolucionária. Marx acreditava que do proletariado surgiria a revolução mundial. Embora Marx tenha carregado excessivamente as tintas, devemos admitir que o genial pensador alemão tinha razão. No século passado e no começo deste século, se havia uma classe potencialmente revolucionária, era ela a classe operária. As condições miseráveis em que vivia e trabalhava, a odiosa exploração de que era objeto, sua proletarização e massificação tornavam-na, naturalmente, a base de qualquer revolução.

Mas estas condições foram se modificando. A predição de Marx do empobrecimento crescente da classe operária não se concretizou. Pelo contrário, seu padrão de vida melhorou sensivelmente em todos os países que se industrializavam. Além disso, foram abertos e institucionalizados os canais de comunicação e conflito entre a classe operária e o regime. A regulamentação do direito de greve, a legislação trabalhista em geral, os sistemas de seguro social criados tiveram esse sentido, e acabaram de amortecer o espírito revolucionário da classe operária.

Hoje, em quase todos os países do mundo, a classe operária é uma classe acomodada. Conseguiu um padrão

de vida razoável e está satisfeita com ele. A legislação trabalhista e o seguro social garantem-lhe a possibilidade de defesa de seus «direitos» e uma velhice tranqüila. Não há por que fazer revolução. As greves limitam-se a exigir melhores condições de trabalho e melhores salários. E se não bastasse tudo isso, em um país como os Estados Unidos, devido aos progressos da automação e ao grande crescimento do setor terciário, o número de operários vem diminuindo não só em termos relativos, mas também absolutos. Sem dúvida, não é da classe operária que poderão surgir as revoluções dos nossos dias.

Este fato tem ficado patente, inclusive em relação aos capítulos recentes da revolta estudantil. A classe operária tornou-se, na melhor das hipóteses, caudatária do movimento estudantil. Em Paris, em 1968, greves foram deflagradas como resultado das manifestações estudantis. Sem os estudantes não teriam ocorrido as greves. Em Madri, os estudantes centraram sua luta em torno de uma reivindicação que deveria ser tipicamente operária: a reivindicação de liberdade sindical. Em São Paulo, o 1º de maio de 1968 só teve alguma repercussão devido às manifestações estudantis, que mereceram a reprovação dos líderes sindicais. Entretanto, a prova mais patente de que podemos hoje nos referir aos operários como sendo os «ex-revolucionários», foi-nos dada pela seqüência dos acontecimentos relacionados com a revolta dos estudantes franceses em maio de 1968. Em um primeiro momento os sindicatos, perplexos, recusaram apoio aos estudantes. Em seguida, para não perder sua liderança, e visto que os estudantes dirigiam-se diretamente às bases operárias, os sindicatos decidiram participar. Greves e ocupações de fábricas sucederam-se. Paris assistiu às maiores manifestações de rua de sua história. Não há exagero nenhum em afirmar que a França esteve à beira da revolução e do caos. Neste momento, porém, os sindicatos retraíram-se. Recusaram-se a endossar as teses revolucionárias dos estudantes. Preferiram canalizar o protesto para a obtenção de melhores salários e condições de trabalho. Conforme noticiava «O Estado de São Paulo» em sua edição de 19 de maio, na primeira página:

«A CGT ao perceber as tendências de muitos líderes estu-
dantis — alguns pregavam uma revolução total, pura e simples
— afastou-se dos universitários e concentrou seus esforços numa
série de reivindicações profissionais.»

Nesse mesmo dia, o correspondente na França desse
mesmo jornal, Gilles Lapouge, escrevia:

«Mas o momento mais crítico parece ter sido superado. Houve
o rompimento entre estudantes e trabalhadores sindicalizados...
Surgiram os técnicos em sindicalismo e em dois tempos tomaram
as decisões. Apropriaram o movimento dos operários jovens e
inexperientes, garantindo-o e estruturando-o simultaneamente. Em
seguida removeram tudo o que pudesse parecer aventura, sepa-
rando os dois grupos, a fim de que os trabalhadores não sofram
a influência dos jovens intelectuais da Sorbonne. Poderosos, inte-
ligentes, bem organizados, eles, que são profissionais, em menos
de 24 horas transformaram aquele fogo selvagem que queimava
contra a sociedade num movimento menos perigoso no estilo
tradicional e conhecido.»

Em outras palavras, os operários, através de suas li-
deranças sindicais, não obstante dominadas por comu-
nistas (como é o caso da CGT), transformaram-se, não
apenas em ex-revolucionários, mas no principal baluarte
da ordem estabelecida. Quem evitou o agravamento da
revolta estudantil, propagada para os meios operários,
não foi a polícia, não foi o Exército, não foi o poder
dos industriais, mas a ação dos sindicatos e do Partido
Comunista Francês. O fato não deixa de ser paradoxal,
mas a conclusão que se tira dele é clara: a revolução,
seja de que tipo for, não virá da classe operária.

A afirmação pode parecer excessivamente radical. Os
acontecimentos de maio de 1969 em Córdoba, na Argen-
tina, por exemplo, poderiam ser lembrados como um
eventual desmentido àquela hipótese. Realmente, aquela
foi uma das únicas circunstâncias, nas últimas décadas,
em que a classe operária, em qualquer parte do mundo,
adotou posições revolucionárias ou pelo menos quase
revolucionárias. Efetivamente a Argentina é o único país
da América Latina e um dos poucos países do mundo que
possui uma classe operária politizada e bem organizada.

Entretanto, se examinarmos mais cuidadosamente os

acontecimentos de maio de 1969 na Argentina, verificaremos que o papel dos estudantes foi então decisivo. Foram eles que iniciaram o movimento, contando inclusive com o apoio de ponderáveis setores da Igreja Católica (cujas transformações políticas revolucionárias, aliás, estudaremos na segunda parte deste livro). Iniciado o movimento pelos estudantes, este, ao contrário do que acontecera na França um ano antes, obteve o decidido apoio dos operários, os quais, finalmente, assumiram a liderança do mesmo, transformando-o em uma luta operária contra o governo. Seria muito pouco provável, porém, que aquela manifestação política impressionante da classe operária, na Argentina, sequer houvesse ocorrido, não fossem os estudantes.

Sabemos que esta é a posição mais polêmica que estamos adotando neste livro. Os próprios estudantes geralmente não admitem a idéia de que a revolução possa ser realizada sem a participação da classe operária. Conforme observa o líder estudantil alemão Dutschke, a missão dos estudantes seria

«despertar, por meio de uma dialética cada vez mais eficaz de esclarecimento e ação da massa, a espontaneidade das massas assalariadas aniquiladas pelos partidos».¹

Os comunistas, especialmente, são dogmáticos a respeito. Pretendendo ser fiéis ao marxismo, afirmam que a revolução só poderá partir da classe operária. Um intelectual comunista inteligente e aberto, como Roger Garaudy, o qual, inclusive, causou grandes problemas para o seu próprio partido — o Partido Comunista Francês —, por haver adotado uma posição de crítica radical ao imperialismo soviético na Tchecoslováquia, ainda não conseguiu desvencilhar-se deste dogma. Garaudy começa, por exemplo, sua análise da «significação das lutas estudantis e suas relações com as lutas operárias» com a seguinte frase:

¹ DUTSCHKE, Rudi, em *Revista Civilização Brasileira*, 19/20, maio-agosto 1968, p. 99.

«A partir da idéia fundamental de que a principal força revolucionária é a classe operária...»²

Este, portanto, é o pressuposto. A partir daí começa a discussão. Garaudy sabe muito bem que Marx escreveu sobre uma realidade econômica e social que não existe mais. Em um século o mundo mudou radicalmente. As análises marxistas da economia e da sociedade europeia têm hoje valor principalmente histórico. Constituem ainda exemplo de aplicação do método do materialismo histórico, o qual — este sim — continua vivo e dotado de poderosa força explicativa do processo histórico da humanidade. Aplicado, porém, a uma realidade diversa, o método histórico marxista deverá produzir resultados diversos dos alcançados pelo próprio Marx. Embora Garaudy e a maioria dos comunistas e socialistas mais esclarecidos saibam de tudo isto, não têm coragem de denunciar a tese de que «da classe operária partirá a revolução», que «a classe operária inserida no processo de produção, realizará a revolução que resolverá a contradição entre as forças produtivas em desenvolvimento e as relações de produção capitalistas».

Compreende-se esta falta de coragem a esta hesitação, embora todos os fatos estejam contradizendo a tese que deposita na classe operária a responsabilidade da revolução. No momento em que esta tese foi negada, toda a estratégia comunista terá que ser revista. Ou então será preciso admitir que os partidos comunistas não são mais revolucionários.

Sartre comenta, de forma brilhante, a posição comunista a respeito da revolta estudantil. Embora o trecho seja um pouco longo, transcrevê-lo-emos na íntegra devido a sua importância. São inclusive antecipados diversos problemas sobre a ideologia estudantil que mais adiante trataremos neste livro. Diz ele:

«Outro dia, na Cidade Universitária, um comunista me disse: «O movimento estudantil não é revolucionário porque: 1 — ele não tem ideologia revolucionária; 2 — ele nem sequer abalou

² GARAUDY, Roger, A Revolta dos Estudantes Franceses e a Revolução, em *Revista Civilização Brasileira*, 19/20, maio-agosto 1968, p. 44.

o regime; 3 — ele é de caráter anárquico porque toda vez que a burguesia se revolta vem o anarquismo; 4 — só os operários podem fazer a revolução porque eles são os produtores.»

O infeliz mal pôde falar, tantas foram as vaias, mas era preciso responder. Eu disse: se é preciso ter uma ideologia revolucionária para fazer a revolução, então só o Partido Comunista cubano poderia fazê-lo, não Fidel. Ora, este partido não só não a fez, como também se recusou a juntar-se à greve geral decretada num certo momento pelos estudantes e pela resistência das cidades. O que é admirável, nesse caso, é que a teoria nasceu da experiência, em vez de precedê-la. Mais tarde, sentindo talvez que seu movimento necessitava de bases teóricas, Fidel se aproximou do comunismo.

Façamos a transposição: nada indica que as pessoas que começam uma revolução na França devam ter, para vencer, uma doutrina pronta. Ao contrário, se os estudantes fracassaram, em parte foi porque o PC francês, com sua concepção fechada do marxismo e suas respostas para tudo — tiradas desse ou daquele texto de Lenine — freou seus movimentos.

Não é que os jovens revolucionários não tenham uma doutrina — eles têm até muitas, e bem diferentes, se bem que exijam todos mais ou menos o marxismo — mas eles admitem em pôr as suas idéias à prova na ação. Todos se juntam em torno da idéia muito importante do «poder duplo» que Cohn Bendit lançou: «Nós não poderemos ganhar se não se criar um segundo poder para enfrentar De Gaulle, e este poder só poderá repousar sobre a união dos estudantes e trabalhadores.» Não foi assim desta vez? Não é aos estudantes que se deve culpar.

Terceiro ponto da argumentação comunista: o movimento estudantil é anarquista porque representa uma revolta burguesa. Como explicar então a revolta dos estudantes tchecoslovacos e iugoslavos, que nasceram num regime socialista, e cuja maioria é filha de operários e camponeses? Que querem eles? A mesma coisa que os estudantes franceses, isto é, a liberdade de crítica e de autodeterminação. O que os jovens revolucionários reclamam, burgueses ou não, não é a anarquia, mas exatamente a democracia, uma democracia socialista verdadeira que ainda não se conseguiu em nenhum lugar.

Último argumento enfim: só os operários podem fazer a revolução. Respondo que nenhum estudante politizado jamais disse outra coisa. Eles sempre repetiram: «Nós podemos ser o detonador, mas a revolução será feita pela união das classes trabalhadora, operária e camponesa. Para que eles sejam o detonador, é preciso uma convergência entre as reivindicações e as dos trabalhadores. Dizer que os estudantes, como burgueses, só podem exprimir os interesses da sua classe, é dar provas de um marxismo estreitamente mecânico. Marx disse outra coisa quando explicou como os teóricos saídos da bur-

guesia poderiam se transformar em aliados dos trabalhadores, porque seus problemas, como homens de cultura, sábios, membros de profissões liberais, eram igualmente problemas de alienação. Isto já era verdade na época de Marx, e é ainda hoje, quando os estudantes descobrem que são tratados como objetos durante seus anos de estudos, para serem depois tratados igualmente como objetos quando se transformam nos quadros. Eles compreendem que o seu trabalho lhes é roubado, como os operários, se bem que de uma outra maneira. Por isto os estudantes estão hoje muito mais próximos dos operários do que de seus pais.»³

Nossa posição, todavia, não coincide inteiramente com a de Sartre, e dos próprios estudantes. Não acreditamos que esteja reservado aos estudantes o papel de simples detonador da revolução, nem que esta vá ser realizada pela trabalhadora operária e camponesa. Nossa tese é a de que a liderança de uma eventual revolução caberá aos estudantes e intelectuais não-comprometidos com o processo de produção capitalista. Os trabalhadores poderão constituir-se em uma força auxiliar. Principalmente os camponeses. Secundariamente os operários. Estes estão excessivamente acomodados. Na verdade, sob muitos aspectos, sentem-se parte da ordem estabelecida, mais do que o setor por ela oprimida. Já têm muito a perder para tudo arriscar em uma revolução. Não estão mais no fim da escala social. Depois deles ainda temos os trabalhadores rurais, a população marginal das cidades.

Na verdade, sob certos aspectos, nas sociedades industriais modernas, e muito diferentemente do que acontecia há um século atrás, os operários constituem uma elite dentro da classe baixa — uma elite organizada, tecnicamente capaz e detentora de um padrão de vida razoavelmente elevado e seguro. As contradições entre a sua posição no processo de produção e o da classe capitalista continuam a existir, mas não são tão dramáticas que os levem à revolução, a não ser em um ou outro caso extremo de inflexibilidade do sistema capitalista. De um modo geral, porém, o que se verificou por parte do capitalismo foi uma extrema flexibilidade

³ SARTRE, Jean Paul, entrevista concedida ao *Nouvel Observateur*, em *Revista Civilização Brasileira*, 19/20, maio-agosto 1968, pp. 63-64.

e capacidade de adaptação, que roubaram à classe operária sua força revolucionária.

Nestas condições, uma revolução partindo da classe operária torna-se difícil. O fato novo, que abriu perspectivas de transformações revolucionárias no mundo, foi a emergência dos estudantes como grupo revolucionário. Entretanto, para a realização de uma revolução, o apoio não só da classe operária, mas também de outros grupos sócio-econômicos, será essencial. Não cremos, porém, que a participação ativa dos operários na revolução o seja também essencial.

Poder-se-á então perguntar que revolução será essa então, sem a participação ativa dos operários. Procuraremos responder a esta pergunta quando estudarmos a ideologia da revolução estudantil. Veremos então que, dentro de sua curiosa indefinição ou imprecisão ideológica, esta é uma revolução que não pode ser compreendida dentro dos esquemas políticos tradicionais. Ou revemos nossos esquemas com coragem, arriscando inclusive errar, ou jamais compreenderemos o que hoje está acontecendo no mundo. Antes de mais nada, deveremos lembrar que a revolução estudantil não será apenas contra o sistema capitalista. Também o socialismo burocrático soviético é alvo da contestação estudantil. E apenas este fato já nos obriga a reformular os velhos esquemas.

Devemos, todavia, fazer aqui uma ressalva: na medida em que uma revolução estudantil e de intelectuais não-comprometidos for eventualmente bem sucedida sem o apoio das massas populares, ela estará correndo o grande risco de ser uma revolução elitária. E então todo o idealismo, todo o amor à justiça e à liberdade que caracterizam os jovens dificilmente serão suficientes para impedir graves desvios no processo revolucionário. Talvez seja por isso que os estudantes fazem em geral questão de afirmar que querem transformar o mundo com o apoio e a participação dos trabalhadores. Resta

disto tudo, então, uma contradição: a clássica contradição entre desejos e realidades. Os grupos de esquerda desejariam que operários trabalhadores rurais e camponeses fossem revolucionários. Transformam-nos, então, intelectualmente, em revolucionários. E passam a viver uma contradição intrínseca em sua ação política.

Também não é possível esperar revolução da classe dos camponeses e trabalhadores rurais. Nos países desenvolvidos seu número é cada vez menor. E grande parte é constituída de pequenos proprietários conservadores, satisfeitos com o que têm. Nos países subdesenvolvidos, onde são numerosos e miseráveis, falta-lhes um mínimo de organização e de cultura para que possam levar a cabo qualquer revolução. Analfabetos, ou semi-analfabetos, espalhados pelas fazendas e vilarejos, não têm condições para revoltar-se em termos organizados e efetivos. Podem se constituir, sem dúvida, na grande base de manobra para uma revolução. Sob muitos aspectos, foi o que aconteceu na China, no Vietnã, em Cuba. O apoio dos camponeses foi importante para o êxito da revolução. Mas em nenhum daqueles países coube aos camponeses a liderança do movimento revolucionário. Esta ficou sempre sob o controle de um grupo de intelectuais de esquerda organizados politicamente.

Restam, portanto, os estudantes e intelectuais. Voltemos a eles. E a primeira pergunta a ser colocada é a seguinte: tem o protesto estudantil um sentido revolucionário de negação da ordem estabelecida?

Não pode haver dúvida a respeito: o que os estudantes hoje questionam não é o sistema universitário, não são as deficiências do ensino. Isto também é questionado. Mas os estudantes vão muito além. Todo o sistema em que vivem é negado. Os estudantes parisienses que tomaram a Sorbonne, cobriram-na de cartazes em que afirmavam, por exemplo: «A revolução que começa transformar não apenas a sociedade capitalista, como a ci-

vilização industrial.» Poder-se-á dizer que esta frase é utópica, idealista, mas ninguém poderá negar-lhe o significado que lhe é inerente. Da mesma forma, quando o líder estudantil alemão Rudi Dutschke bradava: «O nosso Vietnã está em Berlim! O nosso Saigon está em Berlim!»; ou quando os estudantes espanhóis faziam tremular uma bandeira vermelha no topo da Universidade de Madri; ou ainda quando os estudantes poloneses partiam para as ruas exigindo liberdade, em todos esses momentos não é preciso ser muito perspicaz para compreender que os estudantes estão pondo em questão os próprios alicerces das sociedades em que vivem.

As reivindicações relacionadas com a reforma universitária servem geralmente de estopim. Facilitam o processo de aglutinação dos menos radicais. Mas, num instante, sob a orientação das lideranças radicais, que encontram um ambiente propício para se tornarem efetivas, o escopo do protesto amplia-se. Toda a sociedade é denunciada. Nada fica de pé. O idealismo exacerbado dos jovens, colocado em contraste com a realidade do mundo contemporâneo, transforma-se em uma negação total da sociedade. Herbert Marcuse, o filósofo alemão radicado nos Estados Unidos, que vem exercendo uma ampla influência sobre os estudantes norte-americanos e europeus, declara, a respeito dos primeiros:

«A oposição da juventude norte-americana poderia assumir um sentido político. Esta oposição está liberta de ideologias, quando não vem assinalada por uma profunda desconfiança sem relação a quaisquer ideologias, inclusive a socialista; trata-se de uma rebelião sexual, moral, intelectual e política ao mesmo tempo. Nesse sentido ela é total, direta, contra o sistema em seu conjunto; traduz o desgosto em relação à sociedade afluente, a necessidade vital de infringir as regras de um jogo enganoso e cruel, de recusar-se a ele. Se essa juventude detesta o sistema da massa de mercadorias em contínuo aumento, é porque ela sabe quantos sacrifícios, quanta crueldade e estultícia intervem quotidianamente na produção do sistema.»⁴

Certamente Marcuse estenderia sua análise também aos estudantes europeus, depois de suas últimas manifesta-

⁴ MARCUSE, Herbert, citado em Arnaldo Pedroso d'Horta, *Da Escola à Luta Política*, publicado em *O Estado de São Paulo*, 24 de março de 1968.

ções. No mesmo sentido, afirma o Professor Giorgio Spini, a respeito dos estudantes italianos:

«A meu ver, em muitos destes jovens, não há um desejo de liberdade animal, mas de liberdade moral, ou seja, uma profunda revolta contra as falsidades e hipocrisias do mundo moderno, e o temor de serem de qualquer modo contaminados por essa lepra.»⁵

Finalmente, um último testemunho a respeito da amplitude do protesto estudantil. Depois da crise que abalou o campus de Berkeley, entre setembro e dezembro de 1964, foi apresentado um relatório oficial sobre os incidentes, ao Conselho de Mantenedores da Universidade, que afirmava:

«Concluimos que a razão básica da inquietação em Berkeley foi o desagrado de grande número de estudantes por muitos aspectos da sociedade em que estão em vias de entrar.»⁶

A crítica do estudante tem portanto um sentido total: nega toda a sociedade, nos termos em que ela está hoje organizada. Nesses termos, o grupo estudantil tem um primeiro predicado para substituir-se aos operários como grupo revolucionário: têm objetivos revolucionários.

⁵ SPINI, Giorgio, citado em *Duas Gerações*, publicado em *O Estado de São Paulo*, 12 de maio de 1968.

⁶ Citado em Pamela Mills, "Movimento Estudantil nos Estados Unidos", revista *Paz e Terra* n. 3, p. 133.